

## Sentidos da homossexualidade nas telenovelas: silenciamento do desejo\*

Carla Cacilda Krauss de Lima\*\*

*Resumo:* O objeto desse artigo é apresentar parte do estudo realizado a respeito do discurso sobre e da personagem homossexual nas telenovelas brasileiras, investigando a inscrição da homossexualidade e os efeitos de sentido instalados por ela. No recorte abordado, percebemos resistência e ruptura, mas também o sentido estabilizado dando voz às personagens.

*Palavras-chave:* discurso; memória; sujeito; homossexualidade; telenovela.

### Introdução

Nosso trabalho parte de algumas indagações: qual posição tem sido disponibilizada para os homossexuais? De que maneira eles têm sido falados, narrativizados, discursivizados? Seriam as personagens da ficção lugares em que os sentidos dominantes são reforçados ou poderíamos dizer que tais personagens instauram sentidos que rompem com os sentidos dominantes?

Não se trata de pretender aqui que todo discurso seria como um aerólito miraculoso, independente das redes de memória e dos trajetos sociais nos quais ele irrompe, mas de sublinhar que, só por sua existência, todo discurso marca a possibilidade de uma desestruturação-reestruturação dessas redes e trajetos: todo discurso é o índice potencial de uma agitação nas filiações históricas de identificação, na medida em que ele constitui ao mesmo tempo um efeito dessas filiações e um trabalho (mais ou menos consciente, deliberado, construído ou não, mas de todo modo atravessado pelas determinações inconscientes) de deslocamento no seu espaço: não há identificação plenamente bem sucedida, isto é, ligação sócio-histórica que não seja afetada, de uma maneira ou de outra, por uma “infelicidade” no sentido performativo do termo – isto é, no caso, por um “erro de pessoa”, isto é, sobre o *outro*, objeto de identificação (PÊCHEUX, 2002, p. 56).

Além da noção de discurso, nosso estudo mobiliza outro conceito muito caro à teoria do discurso, a saber, o conceito de memória discursiva, que não se refere a lembranças individuais do passado, mas a um espaço de memória: “A memória deve ser entendida aqui não no sentido diretamente psicologista da ‘memória individual’, mas nos sentidos entrecruzados da memória mítica, da memória social inscrita em práticas, e da memória (PÊCHEUX, 1999, p. 50). O sujeito, sendo polifônico, com várias vozes atravessando seu dizer, é descentrado, fragmentado, precisa da memória

---

\* Esse texto é um recorte da dissertação de mestrado “O discurso sobre e das personagens homossexuais das telenovelas brasileiras: regiões de poder, saber e dizer” (2007).

\*\* Jornalista, Mestre em Ciências pela FFCLRP/USP. E-mail: carlakrauss@uol.com.br

para significar porque para produzir discurso ele precisa ser afetado por uma rede de memória.

[...] falamos com palavras já carregadas de sentidos, já marcadas por significados cunhados no bojo de relações sociais, o que nos permite inferir que há sempre um já-la [...]. Essa memória que não pode ser traduzida como sinônimo de arquivos, museus, acervos, etc., posto que não é física nos planos material e institucional como vimos anteriormente, mas é discursiva, isto é, entendida como um saber sobre, como uma superfície de sentidos já dados anteriormente e como condição para que a língua funcione e faça sentido (PACÍFICO; ROMÃO, 2006, p. 77).

De acordo com Pêcheux, haveria um jogo de força na memória, sob o choque do acontecimento; o que nos possibilita dizer que há uma tensão permanente entre os já-lá e o que se produz como atualização deles.

Um jogo de força que visa manter uma regularização pré-existente com os implícitos que ela veicula, confortá-la como boa forma, estabilização parafrástica negociando a integração do acontecimento, até absorvê-lo e eventualmente dissolvê-lo; mas também, ao contrário, o jogo de força de uma desregulação que vem perturbar a rede de implícitos (PÊCHEUX, 1999, p. 53).

### **Comer o alimento, apenas, e silenciar o desejo**

O nosso *corpus* é formado por recortes lingüísticos textualizados na telenovela da Rede Globo, Páginas da Vida, de Manoel Carlos, exibida em 2006. Percebemos uma recorrência no diálogo entre as personagens *gays*, de se falar em comida no lugar de se falar do desejo. No recorte que aqui apresentamos, Marcelo acaba de chegar do exterior e conversa com Rubinho no quarto.

Marcelo: – Cê fez o quê pro jantar?

Rubinho: – Adivinha.

Marcelo: – Picadinho de carne, arroz, farofa e feijão.

Rubinho: – Na mosca.

Marcelo: – Yes, meu reino por um prato de arroz com feijão.

Rubinho: – Bom, então acaba de arrumar isso aqui que eu vou colocar a mesa.

Marcelo (puxando Rubinho): – Rubens, quando eu disse que eu senti sua falta, senti mesmo, de verdade. Teve até um show há um mês atrás, mais ou menos, que foi cancelado, a gente ficou uns três dias sem fazer nada, quase que eu peguei um avião e vim aqui só pra te ver.

Rubinho: – Eu também, eu também senti, eu também, eu também senti, senti sua falta, cara.

Se abraçam.

Rubinho: – Hum, tá sentindo? Sente?

Marcelo: – Eu adoro esse cheiro.

Rubinho: – Feijão? Então tá, termina aí e vem.

Observamos um deslocamento do desejo sexual para a comida como regularidade discursiva nesse recorte (e em outros). Na frase “senti sua falta, senti mesmo, de verdade”, esse “de verdade”, no sentido literal parece realçar a falta da companhia, do namorado, destacando, assim, o efeito da “falta” e também inscrevendo o lugar do desejo sexual, dado aqui como lugar da “falta”. Quando Rubinho diz “eu também, eu também senti, eu também, eu também senti, senti sua falta, cara”, essa repetição do “senti” marca a homossexualidade; esse sentir é aquela retomada do eu que pode dizer da “falta”, mas não do desejo abertamente, tendo que desejar nas incompletudes, nas frestas, nas bordas.

Rubinho continua “hum, tá sentindo? Sente?”, e inicialmente essa formulação implica considerar a polissemia (ORLANDI, 1999). Poderíamos perguntar: está sentindo o quê? Desejo, tesão, saudade, especialmente desejo sexual? Mas aqui a fala da personagem migra para uma outra região de sentidos. O mesmo acontece em relação à pergunta “sente?”, o que seria esse “sente”? Seria: “sente o meu corpo, sente o meu ardor no corpo, sente o desejo sexual?”. Não, visto que, nesse momento, há um deslocamento da questão sexual para a questão da culinária, da comida que, na verdade, é um outro tipo de alimento, que também se combina com alimento sexual, pois comer tem vários sentidos. Dentre eles, é eleito aqui o comer feijão, “eu adoro esse cheiro”, podemos perceber como aqui também há polissemia: “esse cheiro do quê, de sexo, de corpo, de homem, do seu pêlo, da sua pele?”, isso tudo que diz respeito ao desejo sexual e é impossível de dizer, é interdito, não é falado, ao passo em que a comida pode ser falada, deliciar-se com o cheirinho do feijão está autorizado, comemorar o aroma de algo inofensivo como um arroz branco é algo que não põe em situação de risco os papéis sexuais já socialmente estabelecidos.

Então, temos a comida como metáfora do desejo sexual, um significante em lugar de outro, uma coisa falando por outra que não pode ser dita. É impossível aqui dizer: “eu senti desejo, eu senti saudade, eu senti vontade, eu senti tesão”, nada disso pode aparecer, o que é possível dizer é “eu senti falta”, mas não o desejo; observamos essa regularidade nas palavras discursivizadas em todas as novelas que interpretamos. Entendendo que só se sente falta quando se deseja, ou quando se sente desejo, marcamos que esse par – falta e desejo – está falho nesses dizeres da ficção. Assim, um significante aparece sem o outro, a personagem pode até repetir um deles (“falta”), mas não pode dizer nem sequer uma vez desejo.

## **Conclusão**

As novelas da Rede Globo dão voz às personagens homossexuais, mas resiste e continua em funcionamento a interdição do desejo sexual, transferido para outros campos, quais sejam, adoção de criança, constituição de família, realização profissional dentre outros deslocamentos. Há o diferente e o mesmo, um jogo de poder, de tensão e de litígio entre formações discursivas. Existe, sim, uma formação discursiva outra que surge como lugar de resistência e de ruptura; entretanto, o mesmo e o estabilizado envelam-se, na novela, inscrevendo ora efeitos de contradição, ora de manutenção do já-lá.

## Referências

- ORLANDI, E. P. **Análise de discurso: princípios & procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 1999.
- PACÍFICO, S. M. R.; ROMÃO, L. M. S. A memória e o arquivo produzindo sentidos sobre o feminino. **Em questão**. Porto Alegre, v.12. n.1, p. 73-90, jan-/jun.2006.
- PÊCHEUX, M. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Traduzido por Eni P. Orlandi. Campinas, SP: Pontes, 2002.
- \_\_\_\_\_. Papel da memória. In: ACHARD, P. (org.). **Papel da memória**. Traduzido por José Horta Nunes. Campinas, SP: Pontes, 1999.